

Ministério das Relações Exteriores

# Passagem e Memória

Cerimônia de posse do Secretário-Geral das Relações Exteriores  
(29 de novembro de 2001)



Ministro de Estado das Relações Exteriores  
*Professor Celso Lafer*

Secretário-Geral das Relações Exteriores  
*Embaixador Osmar V. Chohfi*

Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão (Funag)  
*Embaixadora Thereza Maria Machado Quintella*

Fundação Alexandre de Gusmão (Funag)  
Fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, a Funag realiza atividades de natureza cultural e acadêmica e mantém um dinâmico programa editorial voltado para a compreensão dos grandes temas internacionais e da política exterior brasileira.

Informações adicionais sobre a Funag e suas publicações podem ser obtidas no sítio eletrônico: [www.funag.gov.br](http://www.funag.gov.br)

e-mail: [publicacoes@funag.gov.br](mailto:publicacoes@funag.gov.br)

Ministério das Relações Exteriores

# Passagem e Memória

Cerimônia de posse do Secretário-Geral  
das Relações Exteriores  
(29 de novembro de 2001)



---

Passagem e memória: cerimônia de posse do Secretário-Geral das Relações Exteriores (29 de novembro de 2001). – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.  
48 p.  
Inclui discursos: Celso Lafer, Osmar Chohfi, Luiz Felipe de Seixas Corrêa

1. Brasil – Relações Exteriores – Discursos, ensaios, conferências. I. Lafer, Celso. II. Chohfi, Osmar. III. Corrêa, Luiz Felipe de Seixas. IV. Fundação Alexandre de Gusmão.

CDU 327(81)(04)

---

Fundação Alexandre de Gusmão (Funag)  
Ministério das Relações Exteriores, Bloco H, Anexo II, Térreo  
70170-900 Brasília-DF  
Telefones: (61) 411 6033/6034/6847  
Fax: (61) 322 2931

Site: [www.funag.gov.br](http://www.funag.gov.br)  
e-mail: [publicacoes@funag.gov.br](mailto:publicacoes@funag.gov.br)

Palácio Itamaraty  
Avenida Marechal Floriano, 196  
Centro, – 20080-002 Rio de Janeiro  
Telefax: (21) 233 2318

Impresso no Brasil 2001

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional  
conforme Decreto nº 1.825, de 20.12.1907

## SUMÁRIO

DISCURSO DO MINISTRO DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, PROFESSOR CELSO LAFER, POR OCASIÃO DA CERIMÔNIA DE POSSE DO EMBAIXADOR OSMAR V. CHOIFI NO CARGO DE SECRETÁRIO-GERAL DAS RELAÇÕES EXTERIORES .....	7
DISCURSO DO EMBAIXADOR OSMAR V. CHOIFI, AO SER EMPOSSADO NO CARGO DE SECRETÁRIO-GERAL DAS RELAÇÕES EXTERIORES .....	17
DISCURSO DO EMBAIXADOR LUIZ FELIPE DE SEIXAS CORRÊA, POR OCASIÃO DA CERIMÔNIA DE TRANSMISSÃO DO CARGO DE SECRETÁRIO-GERAL DAS RELAÇÕES EXTERIORES AO EMBAIXADOR OSMAR V. CHOIFI .....	33



DISCURSO DO MINISTRO DE ESTADO DAS  
RELAÇÕES EXTERIORES, PROFESSOR  
CELSO LAFER, POR OCASIÃO DA CERIMÔNIA DE POSSE DO EMBAIXADOR  
OSMAR V. CHOEFI NO CARGO DE  
SECRETÁRIO-GERAL DAS RELAÇÕES  
EXTERIORES

Brasília, 29 de novembro de 2001

Senhor Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa,  
Senhor Embaixador Osmar Chohfi,  
Senhoras e senhores,

A cerimônia de posse de um novo Secretário-Geral, ao qual compete a chefia da Casa, é momento sempre marcante na vida de uma instituição com as tradições do Itamaraty.

Para além de sua dimensão institucional, a presente cerimônia tem para mim também um profundo alcance afetivo, tanto por marcar a despedida do Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa, quanto por assinalar a investidura nas funções de Secretário-Geral das Relações Exteriores do Embaixador Osmar Chohfi.

O Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa é um querido amigo de muitos anos. Nas duas vezes em que tive a honra de exercer as funções de Ministro de Estado das Relações Exteriores tive o privilégio de contar com sua colaboração esclarecida à frente da Secretaria-Geral. O Embaixador Seixas Corrêa possui, como assinalava Joaquim Nabuco a propósito do Visconde do Rio Branco, o equilíbrio das virtudes. Dentre suas muitas qualidades destacaria a segurança do seu juízo diplomático, que, no seu caso, está intimamente associada ao sentido da história, a uma permanente curiosidade intelectual e à capacidade de pensar em profundidade as questões da política externa. Todos esses dotes são respaldados por uma indiscutível capacidade de comando, que pude testemunhar invariavelmente

nas complexas situações que enfrentamos juntos na vida pública.

Tem, ademais, o dom da palavra, e não preciso ressaltar o papel e o peso da palavra para a ação diplomática. Recordo, nesse sentido, os versos de Octavio Paz:

“A forma que se ajusta ao movimento  
é pele – não prisão – do pensamento.”

Mercê de tais qualidades, não tenho dúvida de que o Embaixador Seixas Corrêa desempenhará com o brilho habitual suas novas funções à frente da Missão Permanente do Brasil junto às Nações Unidas e à Organização Mundial do Comércio em Genebra, cargo que tive o privilégio de ocupar no período de 1995 a 1998, e cuja relevância nesse momento pós-Conferência de Doha não preciso destacar.

Sei, por isso, mesmo que não são poucos os desafios que o aguardam. Mas não saberia pensar em nome melhor para enfrentá-los.

Substituir o Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa é tarefa complexa. Foi, por isso, motivo de

grande satisfação e alegria para mim a aceitação pelo Embaixador Osmar Chohfi do convite que lhe formulei para ocupar o cargo de Secretário-Geral das Relações Exteriores.

O Embaixador Chohfi é também um antigo e querido amigo. Foi meu Chefe de Gabinete desde que assumi a pasta do Ministério das Relações Exteriores em janeiro deste ano. Fomos colegas de turma no Largo de São Francisco. Do convívio acadêmico nasceu entre nós uma forte e genuína amizade, lastreada, como diria Aristóteles, na igualdade da estima recíproca. Ao compartilharmos, no início dos anos 60, num momento em que a máquina do mundo se nos começava a revelar, a experiência de enfrentar os desafios de um período particularmente rico de projetos e contradições, preparávamo-nos, sem que o soubéssemos, para lidar com os desafios futuros. Com efeito, até o final de 1964, juntos vivemos a experiência do término da grande presidência de Juscelino Kubitschek, que descortinou, com sua liderança, o potencial do país em todos os campos; a curta, brusca e, afinal, frustrante gestão de Jânio Quadros;

o tumultuado período de João Goulart e os vivos debates que suscitou; o desmoronamento político do lúcido esforço reformista de San Tiago Dantas; e, finalmente, com o advento do regime de 1964, o início do longo ciclo autoritário.

Dizia Ortega y Gasset que as variações da sensibilidade vital, que são decisivas na história, apresentam-se na forma de uma geração. Minha geração, a geração do Embaixador Osmar Chohfi, despertou para a necessidade de pensar o Brasil durante o governo Juscelino Kubitschek. Respirava-se, então, um sentimento de absoluta confiança nos destinos do país. Esse sentimento permanece vivo, continua a nortear nossa parceria e permeará nosso trabalho conjunto no Itamaraty.

A versatilidade dos talentos é uma das características distintivas do Embaixador Osmar Chohfi, qualidade que lhe permite lidar com toda a circunferência da atividade diplomática. Essa versatilidade está associada a uma reconhecida capacidade de lidar com as pessoas, que vai além de mero *people skills*, constituindo, no seu caso, o que poderíamos chamar de dom de gentes.

A trajetória diplomática do Embaixador Osmar Chohfi é conhecida de todos. Não é minha intenção, nessas breves palavras, mapear todo seu brilhante percurso na Casa de Rio Branco. Gostaria, porém, de sublinhar um ponto que me parece revelador de suas não poucas qualidades. Refiro-me à sua atuação decisiva, quando à frente de nossa Embaixada em Quito, no encaminhamento favorável do processo negociador que culminou na celebração do acordo de paz entre o Equador e o Peru.

A tarefa da diplomacia é desatar nós. O instrumento de ação do diplomata não é a violência, mas a persuasão. O Embaixador Osmar Chohfi ilustra perfeitamente as palavras de Alfonso Reyes, que dizia ser o brasileiro “o diplomata nato, o melhor negociador que jamais conheceu a história humana. Não há conflito que resista a seu espírito de concórdia e à sua ardente simpatia. Como possui a aptidão, desdenha da violência. Nasceu para desfazer, sem cortá-lo, o nó górdio.”

A concepção, elaboração e condução da política externa de um país com o peso e a

complexidade do Brasil não podem ser obra de pessoas isoladas, mas de toda a instituição. Estou certo, por isso, de que o leque de virtudes que distinguem o Embaixador Osmar Chohfi não apenas o qualificam para lidar com os novos desafios que hoje se colocam para a diplomacia brasileira, como o capacitam também para auscultar, com a sensibilidade que lhe é própria, os anseios da Casa, com vistas a promover as mudanças e os ajustes necessários ao seu permanente aprimoramento.

O prestígio internacional e a excelência deste ministério estão baseados na qualidade dos seus quadros. Como tive a oportunidade de afirmar já em meu discurso de posse, tenho conhecimento das necessidades materiais desta Casa e sensibilidade em relação aos problemas atuais da carreira, em especial da motivação de seus integrantes. A essas questões, com o apoio do Embaixador Osmar Chohfi, continuarei a dar atenção e foco, com a preocupação de preservar e aumentar a capacitação do Brasil no trato da agenda diplomática.

Senhoras e senhores,

Machado de Assis, pela boca do conselheiro Aires, afirma em Esaú e Jacó que “o imprevisto é uma espécie de deus avulso, ao qual é preciso dar algumas ações de graças; pode ter voto decisivo na assembléia dos acontecimentos.”

Passados quarenta anos, não se pode deixar de atribuir ao imprevisto sua parcela de responsabilidade neste reencontro de dois antigos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Hoje integrada à Universidade de São Paulo, a velha Faculdade – “alma mater” do Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira, cujo centenário de posse no cargo de Ministro das Relações Exteriores comemoraremos no próximo ano – representou para nós, para Osmar e para mim, assim como para os que nos antecederam e sucederam, uma experiência de cidadania, propiciadora da fraternidade que deriva da participação no espaço público.

As lições que juntos ali aprendemos permanecem conosco. São fruto do convívio acadêmico e do magistério de ilustres professores, que gostaria

de lembrar na figura do grande jurista Vicente Rao, pois tendo sido também titular desta pasta, ajudou a despertar em nós, no primeiro ano da faculdade, o sentido da importância das relações internacionais e o sentimento de admiração pelo Itamaraty e suas tradições.

É esse sentimento que, lastreado no ânimo de servir ao Brasil, continuará a nortear e inspirar nossa atuação.



DISCURSO DO EMBAIXADOR OSMAR V.  
CHOHFI, AO SER EMPOSSADO NO CARGO  
DE SECRETÁRIO-GERAL DAS RELAÇÕES  
EXTERIORES

Brasília, 29 de novembro de 2001

Senhor Ministro de Estado,  
Senhor Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa,  
Senhores Embaixadores e Chefes de Missão  
Senhores Subsecretários-Gerais,  
colegas e amigos,

Sinto-me honrado com a presença de tantos  
amigos neste ato. Desejo agradecer ao senhor  
Ministro de Estado e particular amigo Celso Lafer

o convite para ocupar o cargo de Secretário-Geral das Relações Exteriores, após ter tido a oportunidade de participar em muitas e importantes iniciativas como chefe do seu gabinete.

Essa circunstância me faz chegar à Secretaria-Geral com clara percepção dos desafios que o Itamaraty tem à frente e consciente da contribuição que me cabe para enfrentá-los. Numa perspectiva de mais longo prazo, o tempo que terei será talvez breve, o que só faz reforçar meu compromisso de exercer, com todo o empenho, a autoridade e a liderança que se esperam do Secretário-Geral. É minha convicção que esse será um trabalho de inclusão, de soma, com a participação ativa de todos os funcionários da Casa.

Senhor Ministro,

Peço-lhe que registre junto ao senhor Presidente da República a profunda satisfação que sinto pela oportunidade de colaborar para a execução da política externa por ele traçada, que tem, como marca distintiva, o efetivo atendimento dos

interesses nacionais. Sua reconhecida liderança tem propiciado, ao Brasil, novas e importantes vias de atuação diplomática e o respeito das demais nações.

Expresso ainda meu reconhecimento ao amigo Embaixador Luiz Felipe Lampreia, diplomata de singular capacidade e visão, com quem tive também o privilégio de trabalhar como Chefe de Gabinete.

Na função que exerci até hoje, pude testemunhar a fluidez e a rapidez das transformações que se dão na agenda global. Nesse período de intensa atividade diplomática, entremeado por mutações muito significativas da conjuntura externa, consolidou-se minha certeza de que devemos continuar a promover o engajamento brasileiro nos principais cenários da diplomacia mundial.

Esse aprendizado teria seguramente sido menos criativo se não houvesse eu contado com a amizade e a inspiração de Vossa Excelência. Raras vezes um Ministro de Estado não pertencente aos quadros do Itamaraty foi tão plenamente identificado às qualidades que, não só no Brasil, se atribuem a esta Casa. Professor, filósofo e analista

político, empresário, ensaísta e escritor e, sobretudo, homem de cultura e de ação, Celso Lafer reúne diversos talentos, e os faz circular pelo canal do convívio. Ao agregar-lhes sua personalidade jovial e a especial gentileza no trato, torna um prazer o trabalho conjunto e seguramente mais produtivo o encaminhamento das complexas tratativas internacionais. O papel que desempenhou em Doha, fundamental para a obtenção dos resultados alcançados, foi justamente reconhecido pela comunidade internacional.

É para mim motivo de alegria a perspectiva de poder manter, agora como Secretário-Geral, uma enriquecedora relação profissional e pessoal, alicerçada em mais de quarenta anos de fraterna amizade. Sob o seu comando, zelarei para que sejam sempre seguras e meditadas as decisões que precisaremos tomar sobre a diversificada agenda da diplomacia brasileira.

Vivemos um momento complexo e desafiador. Há incertezas que, em maior ou menor grau, afetam a todos. Nos últimos dois meses, delineou-se com mais nitidez a percepção de que o mundo será

crescentemente vulnerável a ameaças sobre as quais os Estados exercem um controle apenas relativo. O terrorismo atacou de forma traiçoeira e contundente, expondo um desses flancos, de modo dramático. O isolamento, a prudência distante, a busca de uma autonomia autárquica, fora do sistema internacional, são opções que se revelam inválidas. Há um panorama preocupante de desaceleração da economia mundial. A volatilidade dos fluxos de capital continua a provocar ciclos perversos de crise nas economias emergentes. Um regime de comércio internacional mais livre e eqüitativo continua a nos eludir. A ordem mundial está longe de ser justa e solidária. A globalização e a fragmentação são impulsos contraditórios e coexistentes, provocando disfunções, traumas e perplexidades.

A crise e o desafio são, contudo, convites mais do que propícios à renovação, à revisão de paradigmas. Nas palavras inspiradas do poeta Alphonsus de Guimaraens: “O céu é sempre o mesmo: as nossas almas é que se mudam, contemplando-o.” E ao contemplar os recentes

acontecimentos como “espectadores engajados”, temos a impressão de viver um dos grandes momentos que podem levar a humanidade a um desses saltos qualitativos que caracterizam a evolução histórica. A agenda internacional não poderá ser monolítica ou monotemática. Não poderá apenas atender a interesses político-estratégicos, por mais relevantes que sejam, ou somente a prioridades econômico-comerciais, por mais urgentes que se afigurem. Também não se desenvolverá exclusivamente em espaços geográficos circunscritos. Os eventos recentes dão prova do que digo. E ao Brasil, por meio de sua diplomacia e dos quadros desta Casa, caberá certamente um papel significativo na construção de um novo contrato internacional, para valer-me da expressão do Presidente Fernando Henrique.

É um contrato que deve passar pela atualização e reforma, inclusive em sua representação, das organizações internacionais, como as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança, as instituições financeiras de Bretton Woods e agrupamentos tais como o G-7/G-8. O Brasil, é sem dúvida, um ator

indispensável nesse processo e nele deverá fazer-se presente de maneira condizente com seu peso e influência.

Acreditamos todos os diplomatas brasileiros, e seguramente esta é a expectativa da nação, que nosso país está excepcionalmente qualificado a participar desse empreendimento, que envolverá toda a comunidade internacional. Partimos de plataforma sólida, onde as revigoradas instituições democráticas, a crescente e intensa participação cidadã e a livre interação das forças políticas e sociais se combinam para legitimar e fortalecer nossa posição no mundo. Somos uma sociedade que não desconhece a existência de graves carências nos âmbitos econômico e social, mas que procura dar-lhes soluções mediante o diálogo democrático e o exercício, sem constrangimentos, das diferentes opções políticas. Refletimos externamente a imagem, correta por certo, de uma sociedade estável, tolerante, um exemplo de convivência harmoniosa na diversidade. Celso Lafer e eu mesmo – brasileiros oriundos das levas de imigração de diferentes origens, que aqui buscaram melhor destino – damos

testemunho consistente e inegável da abertura brasileira ao mundo, das possibilidades e oportunidades que brinda nossa sociedade, do pluralismo que é marca registrada desta terra.

É com base nesse quadro interno que o Brasil, ao garantir sua vocação para a paz, constituiu-se simultaneamente em pólo irradiador de estabilidade no seu entorno geográfico imediato. A Reunião de Presidentes da América do Sul lançou as bases da concertação que poderemos doravante aprofundar. A partir de um espaço sul-americano adequadamente organizado, estaremos melhor aparelhados para articular a inserção da região em diferentes contextos negociadores, tanto no âmbito hemisférico, quanto com outras regiões. Com a participação do Brasil, começam a frutificar iniciativas que prometem transformar o panorama regional, a começar pelo trabalho de integração da infra-estrutura física. Estamos riscando do mapa as fronteiras de separação e construindo os alicerces de uma região mais integrada, mais solidária, cujo desenvolvimento passa a ser visto pela ótica das sinergias positivas. É também com esse objetivo que interessa ao nosso

país o revigoramento do Tratado de Cooperação Amazônica e a institucionalização da organização sub-regional nele prevista, à luz, inclusive, da prioridade que atribuímos aos temas ambientais e à cooperação científica e tecnológica.

No próximo ano, a condução das questões afetas ao Itamaraty exigirá particular habilidade e esforço redobrado. Negociações comerciais e políticas estarão a desdobrar-se em todas as frentes, cobrando persistência e coerência na defesa dos objetivos brasileiros. É de nosso interesse evidente o fortalecimento da autoridade e da credibilidade dos sistemas multilaterais, que traduzem, no plano externo, nosso apego à forma democrática de fazer política. Enfrentaremos conjunturas complexas, interna e externamente. A diplomacia brasileira será chamada, com toda razão, a apresentar-se com mais regularidade diante da opinião pública; será, em suma, objeto do debate político doméstico. E é bom que assim seja pois daí derivará mandato ainda mais claro e preciso para nossa atuação.

Senhor Ministro,  
meus amigos,

O momento que vive o Mercosul exigirá muito empenho para que esse projeto seja percebido pelo viés mais amplo – político e estratégico – que o inspirou. Isso sem ignorar o resultado extraordinário do comércio intrazona, que já está incorporado ao patrimônio das nossas relações com a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

O ano de 2002 terá como um dos eventos-marco, na área internacional, a realização da Conferência de Joanesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável, que deverá avaliar a implementação dos compromissos assumidos no Rio de Janeiro, há dez anos. No campo ambiental, o Brasil tem interesses próprios a articular e respaldar, além de ser participante essencial e muitas vezes decisivo.

Há pouco mais de duas semanas, na IV Conferência Ministerial da OMC, foram lançadas novas negociações comerciais multilaterais, a Agenda para o Desenvolvimento de Doha, com a definição de um amplo mandato que inclui temas prioritários

para o Brasil. Por sua vez, o processo da Alca estará entrando, no ano que vem, na sua etapa negociadora decisiva. A própria conjuntura política brasileira tornará a nossa sociedade mais vocal quanto aos custos e benefícios daquele projeto de livre comércio hemisférico. Caberá ao Itamaraty a delicada tarefa de obter, internamente, um consenso que reflita nossos legítimos interesses em matéria comercial e defendê-los, externamente, para que sejam acolhidos à mesa de negociações.

Temos, portanto, a obrigação de manter o ministério aberto ao diálogo e à interação com os diferentes setores interessados. Nós o faremos, estou certo, em ambiente de total transparência, com grande liberdade de atuação para o agente diplomático, e em clima de respeito às normas vigentes. Temos, por natureza e por treinamento, a vocação para o confronto construtivo de idéias, pois representamos uma instituição guiada pelo objetivo de formar consensos.

A eficaz assistência consular a brasileiros no exterior é um compromisso sempre renovado, e desejo manifestar, por estar essa área diretamente

ligada à Secretaria-Geral, meu reconhecimento aos inúmeros colegas que enfrentam esse desafio, ampliado pelos novos temas da agenda externa, com a necessária dedicação profissional e mesmo pessoal. A crescente presença de brasileiros no exterior e a determinação do governo de garantir o exercício da cidadania a todos consolidam a assistência e a proteção consular como um dos objetivos prioritários da política exterior brasileira.

Do ponto de vista organizacional, recentemente promoveu-se, por iniciativa do Ministro Lafer, importante reforma na estrutura do ministério. É este um processo que não se deve esgotar nesse esforço, mas sim ter continuidade, de modo a sempre buscar formas de melhor responder às necessidades de atuação substantiva, de acordo com nossas prioridades de política exterior, nas diversas áreas de competência do Itamaraty.

Os chefes da Casa e eu mesmo estamos atentos e somos sensíveis, como Vossa Excelência, às exigências de adaptação e modernização que enfrentam as carreiras diplomática e do serviço exterior. É necessário dar continuidade aos projetos

que estão em curso. Nos últimos anos, verificou-se um descompasso involuntário entre as reformas administrativas e de pessoal e a gestão dos recursos humanos e materiais. São distorções reais, que não podemos deixar de reconhecer e procurar corrigir. Da mesma forma, não pouparei esforços para auxiliar Vossa Excelência na obtenção de uma reposição salarial justa. É imprescindível que se mantenha e aperfeiçoe o sistema de remoções e de promoções, norteado sempre por critérios objetivos e de mérito profissional. Devemos ampliar e reforçar essas conquistas. Estamos, nesse sentido, perfeitamente sintonizados com as aspirações das classes mais jovens. Acredito que, unidos por objetivos compartilhados, saberemos refletir, em conjunto, sobre o desafio permanente de mudança na continuidade, na melhor tradição do Itamaraty.

Senhor Ministro,  
meus amigos,

O exemplo de Luiz Felipe de Seixas Corrêa, a quem sucedo, me estimula a enfrentar os desafios

do novo cargo com maior vigor: diplomata excepcional, duas vezes Secretário-Geral, com vasta vivência no exterior, transitou ele por diferentes áreas com maestria e brilho. Não é esta a primeira vez que o sucedo. Na Embaixada em Buenos Aires, assumi o setor político em substituição a ele, que retornava ao Brasil. Dos nossos contatos profissionais guardo sempre a melhor lembrança. A Delegação Permanente em Genebra estará entregue a excelentes mãos, que ajudarão a nos conduzir com eficácia nas árduas negociações que já assomam. Aproveito este momento de despedida para estender meus calorosos votos de sucesso pessoal e profissional a Marilu de Seixas Corrêa, companheira de várias iniciativas comuns, que também parte para exercer funções em nossa Embaixada em Berna.

Senhor Ministro, colegas,

Procurarei inspirar-me, no novo e honroso cargo, o mais elevado a que legitimamente podemos aspirar em nossa carreira, no exemplo de patriotismo

e sentido de serviço público dos grandes nomes da diplomacia que me antecederam na Secretaria-Geral. Não posso deixar de mencionar João Clemente Baena Soares, a quem acompanhei no início de sua brilhante gestão como Secretário-Geral da OEA, e Sebastião do Rego Barros, amigo de longa data, e que hoje aqui me honram com sua presenças.

Sei que contarei, na Secretaria-Geral, como ocorreu na chefia do Gabinete do Ministro, com a colaboração e o apoio das chefias da Casa, dos colegas que aqui estão e daqueles que servem no Exterior. A diplomacia é uma atividade que nos exige integralmente. De minha parte, posso garantir-lhes diálogo permanente e trabalho perseverante, respeito profundo pelas diferentes opiniões, com a contrapartida do cumprimento fiel das decisões tomadas, e uma inquebrantável lealdade à instituição e ao país.

Muito obrigado.



DISCURSO DO EMBAIXADOR LUIZ FELIPE  
DE SEIXAS CORRÊA, POR OCASIÃO DA  
CERIMÔNIA DE TRANSMISSÃO DO  
CARGO DE SECRETÁRIO-GERAL DAS  
RELAÇÕES EXTERIORES AO EMBAIXADOR  
OSMAR V. CHOHI

Brasília, 29 de novembro de 2001

Senhor Ministro de Estado,  
Senhor Secretário-Geral,  
Meus colegas,

Ao deixar hoje as funções de Secretário-Geral das Relações Exteriores, queria, em primeiro lugar, expressar a satisfação com que passo as chaves do

despacho do Visconde de Cabo Frio ao Embaixador Osmar Chohfi. Nosso convívio remonta aos tempos do Instituto Rio Branco, nos idos já longínquos dos anos 60. Primeiro de sua turma, Osmar correspondeu plenamente ao longo da carreira às expectativas que despertava nos chefes e nos colegas desde o início de sua vida profissional. Distinguiu-se como Embaixador em Quito em momentos particularmente difíceis. Juntamente com Katia, Osmar sobressai como modelo das virtudes que adornam o diplomata de qualidade: sabedoria, prudência, sentido de medida, humor e gentileza. Creio interpretar o sentimento da Casa ao felicitar o Ministro Celso Lafer pela escolha que fez e desejar a Osmar sorte e felicidade. Seu êxito será o êxito de todos nós.

Juntamente com estas felicitações, peço ao Ministro Celso Lafer, que aceite meus agradecimentos pela distinção que me concedeu ao manter-me no cargo e agora pela indicação para a Delegação em Genebra. Mais uma vez nos juntamos. E uma vez mais, levados pelas circunstâncias, nos separamos. Mais uma vez, sinto-me tomado de um não-sei-

quê de emoção, que evoca neste momento de partida toda a carga positiva das experiências que acumulamos nestes muitos anos em que vimos compartilhando pensamentos, projetos, inquietações e esperanças; tudo aquilo que sucessiva e cumulativamente tem dado a nossa convivência a marca especial de uma estreita amizade e que nos permitiu enfrentar solidariamente os desafios da gestão do ministério neste particularmente denso ano de 2001.

Por todas as suas conhecidas qualificações de intelectual e de homem público, o Ministro Lafer agrega prestígio e valor ao Itamaraty. Constituiu para mim um privilégio continuar sob sua chefia a caminhada iniciada em janeiro de 1999 com o Ministro Luiz Felipe Lampreia, a quem renovo neste momento de despedida a expressão de minha antiga admiração, juntamente com meu reconhecimento por sua valiosa contribuição para a política exterior brasileira.

É este também o momento de reafirmar o meu agradecimento ao senhor Presidente da República pelo privilégio que me concedeu de ocupar a Secretaria-Geral das Relações Exteriores e

de, nessa condição, exercer em muitas ocasiões a interinidade desta Pasta. Sob a inspirada liderança do Presidente Fernando Henrique Cardoso – nosso primeiro diplomata – a política exterior do Brasil vem-se renovando e se consolidando como fator essencial para o desenvolvimento econômico e social do país. Nestes tempos indefinidos e incertos de globalização, a diplomacia presidencial tem sido fundamental para a crescente inserção do Brasil nos círculos decisórios internacionais.

Não me cabe analisar o que fiz, o que deixei de fazer ou o que poderia ter feito. Ao deixar a Secretaria-Geral, torno-me desde já parte do seu passado. E o momento é de olhar para o futuro. Mas não resisto à tentação de compartilhar com os colegas neste momento de despedida alguns sentimentos pessoais e algumas reflexões.

As circunstâncias imprevistas que me haviam trazido à Secretaria-Geral em 1992 e os acontecimentos surpreendentes que determinaram o meu afastamento seis meses depois tiveram um efeito muito penetrante na minha maneira de ver as coisas e sobretudo na minha sensibilidade para o

inesperado. Senti-me em cada um destes 1.063 dias em que estive à frente da Secretaria-Geral como se tudo começasse e terminasse quotidianamente. Como se tivesse de estar preparado para ver tudo, cuidar de tudo e prestar contas de tudo a cada dia, sem jamais perder de vista a circunstância de que estava ali de passagem.

Vejo-me em 1967, sentado à porta de entrada da velha Secretaria-Geral do Palácio Itamaraty do Rio de Janeiro – naquele tempo os terceiros-secretários davam dois meses de serviço como introdutores diplomáticos do Secretário-Geral! – vejo-me àquela porta sem entender muito bem o que se fazia lá dentro, por que entravam e saíam tantas pessoas com ares de importância, e que tantos papéis eram aqueles que circulavam dentro das pastas perfuradas da Casa Harrison. E vejo-me hoje deixando pela segunda vez este cargo que tanto temor reverencial me despertava e tanto mistério me evocava ao início da carreira. Que acontecimentos fortuitos, que casualidades, quanta coisa aconteceu e quanta coisa deixou de acontecer, por quantas portas e por quantas salas entrou e saiu aquele menino de 1967

para que hoje pudesse estar aqui a se despedir com o mesmo encantamento com que começou! Que prodigiosa tem sido para mim esta carreira, que, ao me abrir agora a oportunidade de chefiar a Delegação em Genebra, renova e amplia os desafios profissionais a serem enfrentados e, portanto, amplia e renova a minha disposição de servir!

Nossas vidas profissionais são na verdade um caminho, uma passagem entre sucessivos pontos de chegada, unidos pela linha pontilhada da memória. Um percurso em que cada momento nos prepara para o instante seguinte; em que cada ruptura é ao mesmo tempo um oferecimento e um vínculo, uma transformação de circunstâncias e uma atualização de possibilidades – um inexorável rumo em direção ao futuro e, em última análise, ao passado de cada um de nós.

É reconfortante dar-se conta de que neste lugar outros estiveram antes e outros virão depois. Saber que as possibilidades de atuação sobre a realidade não se esgotam no espaço alocado a cada um; que todos somos partes de uma cadeia imaterial em que os tempos, as circunstâncias e as

personalidades se sucedem num trajeto aleatório, cujo sentido real se desvenda em si mesmo, no próprio acontecer, no andar e nas ladainhas de cada dia. Algo talvez imperceptível para os que começam, mas que pouco a pouco as experiências da carreira vão sedimentando nas nossas consciências.

Longe de mim a intenção de fazer um balanço do que aconteceu nestes três anos. Mas não posso deixar de evocar as dificuldades crescentes que tivemos de enfrentar no âmbito do Mercosul; a criativa flexibilidade que procuramos exercer desde então para não perder a consistência e o rumo do nosso processo maior de integração. Recordo as muitas iniciativas inovadoras que empreendemos, em especial a convocação da Reunião de Presidentes da América do Sul, em 2001, cujos efeitos positivos no plano da integração física estão já à vista. Vêm-me ao espírito as muitas crises que tivemos de enfrentar na região e alhures; os desafios cumulativos das negociações comerciais internacionais: como aprofundar e consolidar o Mercosul em meio a tantas assimetrias? como enfrentar as demandas das negociações com a União Européia? como conter o

roldão em que a certo instante parecia estar-se transformando a Alca? E como contribuir, depois do fracasso de Seattle, para o lançamento na OMC, em tempos compatíveis com as nossas iniciativas regionais e inter-regionais, de negociações comerciais multilaterais capazes de incorporar a nova temática da globalização sem afetar negativamente os interesses específicos do Brasil?

Estes foram apenas alguns dos desafios que enfrentamos e superamos proveitosamente.

Como proveitosamente também trabalhamos para abrir novas perspectivas para o Brasil em áreas não tradicionais da nossa diplomacia. As visitas presidenciais à Coreia e à Indonésia; os muitos projetos em curso com a China; o relançamento da relação com o Japão; a vertebração e o aprofundamento da relação com a Rússia; a participação do Brasil na construção do Timor Leste independente; a revitalização da relação com a Nigéria; o notável êxito que representou a realização no Rio de Janeiro da cúpula Europa-América Latina e Caribe. Sem falar no reforço crescente de nossas parcerias tradicionais com os EUA e com os grandes países

da União Européia, que tanto têm contribuído com investimentos produtivos e cooperação para o processo de desenvolvimento brasileiro.

No plano multilateral, o esforço despendido para regularizar nossas contribuições aos organismos internacionais foi acompanhado de políticas ativas na ONU, na OEA e em outros foros de importância para o Brasil. Temos nos distinguido muito positivamente em áreas onde no passado transitávamos com certa dificuldade, como, por exemplo, meio-ambiente e direitos humanos. Agimos sem hesitação na condenação ao terrorismo desencadeado em 11 de setembro e lideramos a invocação do TIAR para enfrentar adequadamente este monstruoso fenômeno em nossa região.

Paralelamente, acentuaram-se os canais de interlocução do Itamaraty com o Legislativo e com a sociedade civil. Nunca como nos anos recentes tantas e tão importantes questões trouxeram o Itamaraty para o centro do debate nacional. Como se as lideranças políticas e a sociedade em geral tivessem finalmente despertado para o fato de que os temas de política externa são decisivos para o

desenvolvimento econômico e social do Brasil. O ministério vem-se beneficiando muito deste debate, que legitima e reforça nossa atuação nos diferentes foros em que são considerados os grandes temas ligados à economia, ao comércio, às finanças internacionais, aos direitos humanos, à saúde, ao trabalho, à segurança internacional, enfim a todo o conjunto normativo que circunscreve no mundo de hoje as ações dos Estados no plano externo e condiciona as políticas públicas internas em crescente variedade de áreas antes reservadas ao domínio inqualificado da autoridade estatal.

Senti-me privilegiado por ter podido coadjuvar nestes últimos três anos a ação do governo brasileiro e do Itamaraty em todas estas e muitas outras áreas. Faço uma avaliação positiva do muito que fomos capazes de realizar, não obstante as severas restrições de meios sob as quais temos tido de operar. Não fosse a extraordinária qualidade e a dedicação do corpo de servidores públicos que compõem esta Casa, seria impossível responder ao desafio que representa hoje para o serviço exterior lidar com a crescentemente complexa agenda externa do país e

promover, ao mesmo tempo, a necessária articulação interna. Felizmente, o que nos tem faltado em recursos financeiros tem-nos sobrado em recursos humanos.

O mundo, porém, está-se transformando mais rapidamente do que nós. Para manter a competitividade da operação diplomática brasileira, vamos precisar modernizar, ampliar e especializar os nossos meios de formulação e execução de política externa. Não haverá talento individual ou coletivo que supra indefinidamente deficiências de recursos financeiros, materiais e organizacionais. Esperemos que, alcançado o objetivo da estabilidade macroeconômica, o Itamaraty possa logo recuperar seus níveis históricos de participação no orçamento federal.

Mas não é só de recursos financeiros de que se trata. É preciso também que nos mantenhamos num processo permanente de adaptação e transformação institucional. A realidade externa a cada dia nos surpreende com novas situações e novas configurações. Precisamos dispor de maior flexibilidade organizacional para que as estruturas e o fluxo decisório do Itamaraty possam ajustar-se continuamente

– e com rapidez – às demandas e às oportunidades que a realidade externa nos impõe sem cessar.

E precisamos repensar a carreira diplomática em função destes novos desafios: mais especialização temática e regional, mais acesso, mais estímulos e recompensas ao desempenho individual. Temos um extraordinário patrimônio humano nesta Casa. Precisamos continuar, com redobrado empenho, a cuidar da formação, do aperfeiçoamento e das carreiras do nosso pessoal. Prosseguir no caminho das reformas e resolver os problemas que ainda geram inseguranças e distorções em todos os níveis.

A solução para o conjunto de problemas de tipo institucional hoje enfrentados pelo Itamaraty passa certamente pelo adequado equacionamento das questões ligadas à carreira. Alguma coisa foi possível fazer. Reformou-se o Rio Branco; acelerou-se o fluxo de vagas até os níveis intermediários; criou-se um mecanismo de remoções mais transparente e participativo; introduziu-se um ensaio de modelo matricial na SGIE e propiciou-se um caminho para a formação especializada dos jovens diplomatas na temática das negociações comerciais. Outras

iniciativas ainda faltam. Para manter os níveis de excelência que distinguem o Itamaraty no Brasil e no mundo, é essencial que continuemos a aperfeiçoar a carreira e ajustá-la às exigências profissionais da diplomacia contemporânea.

Senhor Ministro,  
Senhor Secretário-Geral,  
Meus colegas,

Dentro de poucos dias estarei assumindo funções em Genebra. Agradeço muito especialmente ao Ministro de Estado – e por seu conduto ao senhor Presidente da República – por me terem confiado uma de nossas mais interessantes missões diplomáticas. Em Genebra, terei o desafio de manter-me à altura dos grandes nomes da diplomacia brasileira que por lá passaram. A todos os meus futuros antecessores rendo homenagem na pessoa do Ministro Celso Lafer, cuja liderança e cujo prestígio representou fator decisivo para que Brasil estivesse no miolo do processo decisório da recente Conferência Ministerial da OMC em Doha e para

que pudéssemos obter resultados tão expressivos na configuração do mandato para as negociações comerciais multilaterais então lançadas, de cujo êxito depende em grande medida a inserção competitiva do Brasil na economia internacional do século XXI.

Procurarei estar à altura desta confiança que muito me honra. Não tenho dúvida de que começaremos as negociações em Genebra sob o mesmo signo positivo com que contribuímos para o seu lançamento.

Ao encerrar, queria também estender os meus agradecimentos a todos os colegas, em todos os níveis, na Secretaria de Estado e no exterior, com os quais tive o privilégio de trabalhar nestes últimos anos. Não podendo citar todos, refiro-me nominalmente aos que, ocupando a alta chefia da Casa, mais diretamente partilharam comigo as responsabilidades da Secretaria-Geral: Ivan Cannabrava, Bernardo Pericás, Zoza Médicis, Gilberto Velloso, Graça Lima, Araújo Castro, Castro Neves e José Botafogo. Por meio destes grandes profissionais e queridos amigos, dirijo-me a todos os colegas e agradeço profundamente a cooperação que me

deram com o seu talento, a sua dedicação e o seu espírito público.

Desejo ainda dirigir uma palavra a meus colaboradores mais próximos na Secretaria-Geral; esta magnífica equipe de profissionais que tive a sorte de contar ao meu lado sob a direção sempre inspirada e dedicadíssima de Mauro Vieira. Devo muito ao Mauro, ao Evandro Didonnet, ao Regis Arslanian, ao Carlos Penna, a Maria Luisa Escorel, a Cláudia Buzzi e ao Felipe Fortuna, assim como ao excelente corpo de funcionários administrativos da Secretaria-Geral. Se tivesse de começar de novo, seria deles, sem exceção, que me cercaria.

Não poderia finalmente deixar de fazer agradecimento muito especial a uma colega que peço licença para singularizar, cujo apoio, cuja crítica e cujo encorajamento foram importantíssimos nesta etapa da minha vida pessoal e profissional, como foram no passado e continuarão a ser no futuro. Refiro-me a Marilu, minha conselheira particular nas horas vagas, a quem quero muito e devo muito.

Muito obrigado. Foi ótimo. Contem sempre comigo. Sorte para todos!

<i>Título</i>	Passagem e Memória
<i>Coordenação editorial</i>	Ednete Lessa
<i>Editoração Eletrônica e capa</i>	Samuel Tabosa
<i>Formato</i>	14cm x 21cm
<i>Mancha</i>	8cm x 14,5cm
<i>Tipologia</i>	AGaramond
<i>Papel</i>	Cartão supremo 250g/m2, plastificação fosca (capa) Papel ap. 75g/m <sup>2</sup> (miolo)
<i>Número de páginas</i>	48
<i>Tiragem</i>	500 exemplares
<i>Impressão e acabamento</i>	Setor de Reprografia do Ministério das Relações Exteriores